

CLOVIS BEVILAQUA E A ÉPOCA
Freitas Nobre

CLAVIS BEVILACQUA E A. ERCCA
F. N. N. N.

O ambiente em que Clovis viu transcorrer a sua mocidade foi o de transformação politico-social dos mais fortes por que já passou a nacionalidade.

Em um curioso trabalho publicado em colaboração com Martins Junior, o autor do "Codigo Civil", reproduz em todas as suas cores a paisagem social e politica dessa época. Por isso mesmo, transportando-nos ao ambiente de inquietação da Monarquia, vamos guiados pelos proprios passos de Clovis Bevilaqua, procurando ser, o mais possivel, fiel ao seu pensamento, reproduzindo os sinais da época, muitas vezes, com suas proprias palavras.

Aliás, não é possivel estudar uma figura de projeção nacional, sem ligar os fatos de sua vida social, ás transformações, aos habitos, ás características de sua época. Como ser social, o homem não pode ser compreendido sem a interpretação de seu trabalho no seio da coletividade e é por isso mesmo que nos valem os estudos feitos pelo proprio biografado, para a reprodução do ambiente em que preparou o seu espirito e formou o seu carater.

Reconhecia Clovis Bevilaqua — o republicano ardoroso — que o regime monarchico era uma condição de paz, de vida e de segurança externa para o Brasil, na-

quela época. (1). E a tibieza com que o governo de Portugal resignou-se a reconhecer a nossa independencia politica, êle justificava com o fato de ter ficado no trono do novo Imperio um principe português.

Em José Bonifacio, que representava o bloco emancipador, parecia ver o herói da independencia suiça, atirando sobre a maçã depositada na cabeça loura de seu filho. A cabeça do filho — a integridade do pais — não deveria ser atingida com a sêta com que se pretendia destruir o jugo metropolitano. Clovis lembrava isso tudo para afirmar que a ultima sêta deveria ser disparada contra o despotismo.

Sempre julgou que a implantação da Monarquia só poderia ser provisoria, uma medida de ocasião, assim como fôra uma inconsciencia historica. Esse carater provisório o regime não soubera substituir, consolidando com tradições, conquistando a consagração popular.

A tolerancia do povo brasileiro, muitas vezes, a sua indiferença, reveladas nos dias historicos da Monarquia, encontra justificativa no ceticismo e na rebeldia — expressões de seu espirito democratico e de sua aspiração de liberdade.

Clovis Bevilacqua viveu sua mocidade á sombra da Monarquia de Pedro II, que o saudoso mestre considerava um continuador da obra de Pedro I, no que diz respeito á prepotencia, á corrupção pelo barateamento dos titulos honorificos, á mistificação, á mentira, ao descredito — armas favoritas de um governo pessoal.

Reviveu a figura de Pedro I, mandando assassinar os complicados no movimento de 1824, e, ao mesmo tempo, curvando-se humilhado diante dos roubos do almirante francês Roussin.

Encontrara, ao nascer, a profunda inquietação social que revela a fraquesa do poder publico e deparou-se com uma série de disturbios, sedições, revoltas e revoluções.

Nessa agitação revolucionaria, articulavam-se fatos

como a Setembrada, em Pernambuco; o motim de 13 de abril de 1822; a guerra dos Cabanas; a sedição de Pinto Madeira, no Ceará; a Balaiada, no Maranhão; a agitação revolucionária de 1832 a 1838 no Pará; a sedição de Minas em 1833 e a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul.

O ambiente de desequilíbrio social e de agitação política eram sintomas de uma transformação total, de elaboração do caráter nacional, período esse que Clovis chamava de "individuação da nacionalidade brasileira".

Seu ódio á Monarquia firmava-se em fatos como o que êle proprio citara da violação dos principios constitucionais, com a consideração da maioria de Pedro II, em 23 de julho de 1840, data da instalação do segundo reinado.

Observava o cearense de Viçosa que os blocos politicos se revezavam, esquecidos do interesse publico, com o pensamento voltado exclusivamente, para os beneficios de seu grupo, para os interesses propios.

Em 1882, Clovis afirmava, referindo-se á nossa Monarquia, que a corrupção arvorada em sistema politico, havia produzido, como era fatal, o envilecimento dos caracteres, o afrouxamento dos costumes, a impudencia politica e a desmoralização.

Assistiamos — como ele proprio dissera — o espetaculo entristecedor de um pais novo que se esfacelava ao influxo deletério de um regime dissolvente, de um organismo politico que se desmantelava, perdendo aos poucos todos os seus elementos, toda a sua vitalidade.

Porém, muito mais degradante e entristecedor ele considerava o fato do governo exigir que o povo se expandisse de alegria e entusiasmo na comemoração do aniversário do proprio imperador.

Diante desse quadro, só uma recomendação fazia aos jovens, aos seus colegas, aos moços de sua Faculdade: que mantivessem o animo vivo e forte á espera do momen-

to decisivo que se avizinhava.

Finalmente, aquele que seria, depois, o maior jurista da América, em plena exaltação de sua vida acadêmica, estava refazendo as forças decompostas da Nação e preparando o país para uma transformação completa no regime político, nos costumes, na vida mental nas manifestações culturais.

E, numa imagem das mais brilhantes, afirmava que a forma monárquica sem força, sem capacidade, apodrecida e gasta, estava aos poucos se desprendendo do corpo do país, como velhos trapos de um vestido roto, que os espinhos da estrada vão arrancando. . .

Foi nessa transfiguração política e social que Clovis viveu os seus dias de moço e que cursou a tradicional Faculdade do Recife.

Sua devoção republicana, sua vocação de democrata, são acontecimentos inseparáveis de sua vida e de sua obra.

Velho e cansado, embora, o seu espírito se conservava moço, pois ainda era ele que relembra, como desvantagem essencial das ditaduras, a corrupção que atingia, de uma mesma maneira, governantes e governados.

(1) — "O Stereografo", escrito por Clovis Bevilacqua, em colaboração com Martins Junior.